

Imprensa, representações e narrativas: A Copa de 1970 e a consolidação do discurso sobre futebol-arte

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro*
Francisco Ângelo Brinati**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. RJ. Brasil.
Contato com o autor: filipemostaro@hotmail.com

**Universidade de São João del-Rei. São João del-Rei. MG. Brasil
Contato com o autor: chicobrinati@yahoo.com.br

Resumo: O trabalho faz uma pesquisa das narrativas jornalísticas nos jornais “O Globo” e “Jornal do Brasil” durante a Copa de 1970 procurando definir como a ideia de futebol-arte foi abordada pelos meios de comunicação. Partimos da hipótese que ao praticar o futebol-arte exerceríamos nossa brasilidade e a narrativa midiática teria consolidado tal pensamento durante a conquista do tricampeonato em 1970. Acreditamos que o futebol foi um importante pilar na construção de uma identidade nacional nos anos 1930 e que as representações míticas deste esporte e seu caráter sintetizador de nossa cultura emergem de maneira latente durante a realização das Copas do Mundo.

Palavras-chave: Imprensa. Narrativas. Representação. Esporte. Seleção Brasileira de futebol.

Abstract: This paper investigates the narratives in the newspaper “O Globo” and “Jornal do Brasil” during the World Cup 1970 searching how the idea of football art was managed by the media. Our hypothesis is when practice football art would exercise our brazilianess and the media narrative would have consolidated this thinking during the conquest of the third World Cup in 1970. We believe that football was an important pillar in the construction of a national identity in the 1930’s and the representations mythical this sport and your synthesizer character of our culture emerge in latent way during the course of the all Worlds Cups.

Keywords: Press. Narratives. Representation. Sports. Brazilian football team.



1 Introdução

Acreditamos que a denominação “futebol-arte” está intimamente ligada à formação da identidade nacional nos anos 1930, na qual o traço mestiço do brasileiro ganhou força na narrativa do que viria a ser nossa brasilidade. O futebol se tornou uma cristalização deste pensamento, principalmente após a Copa do Mundo de 1938, quando, segundo o sociólogo Gilbert Freyre¹ (1938), enviamos para a competição um time francamente nacional, com a presença de negros, índios e brancos. A ideia de democracia racial encontrou no futebol um exemplo de fácil assimilação e compreensão, principalmente pelo potencial mobilizador que o esporte exercia na sociedade (SARMENTO, 2013).

Contudo, acreditamos que esta construção histórica e mitológica de um estilo nacional teve sua consolidação na Copa de 1970. O presente artigo vai estudar as narrativas presentes nos jornais “O Globo” e “Jornal do Brasil” durante a competição e analisar como elas corroboraram a ideia de que o futebol brasileiro era “o melhor do mundo”. Optamos pela análise de narrativas como metodologia por entender que nenhuma narrativa jornalística é ingênua. Ela lança mão de mapas culturais de significados já existentes na sociedade, auxiliando “a reforçá-los ou apagá-los, contribuindo para o estabelecimento de ‘consensos’ a respeito de valores e atitudes” (BENETTI, 2007, p.110). Motta (2007) também ressalta que a narrativa cumpre um determinado propósito, com ações estratégicas na constituição de significações em contextos, no nosso caso o de redefinir uma identidade e manter representações.

2 Identidades Nacionais, Representações Sociais e Construções Midiáticas

Nosso suposto estilo de jogo foi construído em densas narrativas e cercado de disputas ideológicas de diferentes correntes sociais nos anos 1920 e 1930 que travavam um debate para definir uma nova ideologia e o que viria a ser a identidade nacional. É importante salientar que ao se pensar uma nação, trava-se uma disputa ideológica entre diversas correntes sociais,

¹ Este pensamento de Freyre está explícito no artigo “Football Mulato” publicado no dia 17 de junho de 1938 no jornal “Diários Associados” de Pernambuco.



Impresa, representações e narrativas: a copa de 1970 e a consolidação do discurso sobre futebol-arte

cada uma com sua ideologia. No Brasil não foi diferente. As oligarquias cafeeiras perderiam seu poder com a Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas que chegou ao governo em 3 de outubro do referido ano. Com o apoio de vários setores da sociedade que pretendiam estabelecer uma nova visão do país, o governo Vargas encontrou uma conjuntura política e social, em que se fazia necessário construir um novo pensamento do que vinha a ser brasileiro e, além disso, acomodar diferentes grupos sociais neste novo panorama.

Era preciso edificar uma identidade nacional que abarcasse diferentes pensamentos em um único, formando uma identidade legítima do que viria a ser o nacional. Seguindo o pensamento de Moscovici (2012) sobre as representações sociais, entendemos que era necessário tornarem-se familiares todas as transformações que eclodiam no país. Entretanto, a tarefa não era simples. Um dos pontos de maior antagonismo de ideias era a questão racial. As reminiscências do escravismo proporcionavam distinções agudas entre as classes sociais e raças no Brasil. Neste último quesito, se observava, após anos de insensibilidade ao ignorar a contribuição dos escravos em nossa cultura, a presença das três raças: branco, índio e negro, como formadoras da sociedade brasileira. Tal questão dividia opiniões entre a mestiçagem. Nina Rodrigues, Silvio Romero e Euclides da Cunha acreditavam que o “embranquecimento” de nossa população seria nossa salvação para o “atraso” (ORTIZ, 2012), enquanto Gilberto Freyre acreditava na mestiçagem como nossa qualidade diferencial entre os outros povos.

Ao lado de toda esta querela da construção de uma identidade nacional, uma manifestação social importante crescia de forma intensa no país. O futebol rapidamente se tornou popular, desbancando o remo como esporte preferido da população. Ao mesmo tempo em que as fábricas se espalhavam nas cidades, o esporte trazido pelos britânicos, ganhava mais praticantes. O historiador Nicolau Sevcenko (1994) aponta o Sul-Americano de 1919 como a “descoberta de uma vocação” do gosto popular por este esporte. Assim, o torneio serviu para a fomentação de um momento em que um esporte originário e difundido pelas elites nacionais se tornava popular, com grande apelo frente ao público e demonstrava que tal processo era irreversível.

Neste ponto, é importante retomar o pensamento de Moscovici, principalmente ao indicar que o caráter das representações sociais é geralmente revelado em tempos de crise ou insurreição, quando um grupo e suas imagens estão passando por mudanças. (MOSCOVICI, 2012). As representações sociais constroem um mundo, são meios de re-criar uma realidade.



Filipe Fernandes Ribeiro Mostardo; Francisco Ângelo Brinati

Os indivíduos são levados a tentar entender um mundo não familiar que começa a surgir. A sociedade brasileira passava exatamente por esta ruptura na década de 1930.

Tais argumentações nos remetem ao termo “tradições inventadas” de Eric Hobsbawm (2012, p.9). Assim partiremos da ideia de que é possível encontrar um diálogo entre as definições de “tradições inventadas” e “representações sociais”, ambas atuando como costuras da construção de uma ideologia dominante no país naquela época, estabelecendo-se, assim, uma identidade nacional.

Após intensas disputas, a ideologia do governo, focada na presença positiva das três raças como formadoras de nossa sociedade, foi construída de forma destacada e com iminente triunfo sobre as demais teorias. Entretanto faltava cristalizar essa imagem abstrata da mestiçagem. Neste sentido, o futebol surge como concretizador e exemplo deste pensamento.

A solidificação do discurso governista atinge seu ápice com a implantação do Estado Novo em 1937. Através do futebol, Getúlio vai tentar unificar o país e a disputa da Copa do Mundo de 1938 surge como uma oportunidade apropriada para tal. Conforme Sarmiento (2013) bem definiu, a força com que o esporte se tornou uma expressão importante das massas urbanas, mobilizando-as de forma considerável, foi “encampado” como um elemento decisivo e eficaz na propaganda do discurso do governo. Assim a legitimidade de uma identidade nacional teve no futebol um valioso estímulo de ligação do que viria a ser o nacional. O governo assumiu o controle da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) com a presença de Luís Aranha, irmão do ministro Oswaldo Aranha. Assim, Vargas reduziu as disputas políticas internas na administração da seleção e foi a primeira vez que se formou uma equipe do país com os melhores atletas, reforçando a ideia de que finalmente o Brasil seria representado, sem restrições sobre amadores e profissionais, como foi em 1934, ou paulistas e cariocas como em 1930. “Não há dúvida, porém, que só agora, o Brasil mandou ao certame mundial a seleção que reflete a verdadeira expressão do seu football” (A NOITE SPORTIVA, 10/06/1938, p.7). Vargas indicou sua filha Alzira Vargas como madrinha da seleção e acreditava que “quando perde a seleção, perde o país.” Tal frase² nos remete, mais uma vez, ao inglês Hobsbawm (1990) ao afirmar que o esporte é um meio privilegiado de difusão e

² Indicamos a frase como um embrião da expressão definida pelo dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues: Pátria de Chuteiras.



Imprensa, representações e narrativas: a copa de 1970 e a consolidação do discurso sobre futebol-arte

reforço de sentimentos nacionalistas, uma vez que permite a identificação fácil, rápida e imediata entre os atletas representantes da nação e seus torcedores.

Getúlio acreditava que o time sairia campeão dessa Copa e que isso seria fundamental para concretizar sua política de nacionalização. Vargas apostava em craques como Domingos da Guia e Leônidas da Silva para voltar da França com a taça.

No dia 17 de junho de 1938, Gilberto Freyre publica em sua coluna no jornal “Diários Associados” de Pernambuco, um texto que se torna emblemático na construção da mestiçagem ao nosso futebol e, conseqüentemente à nossa brasilidade. Intitulado “Football Mulato”, Freyre diz que o sucesso de nossa equipe está justamente na mistura étnica presente nos jogadores convocados. Além disso, Freyre estabelece uma distinção do nosso estilo de jogo com os dos europeus.

[...] uma das condições de nosso triunfo, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. [...] O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha que foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitu’s, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (FREYRE, 1938, p. 4).

Se faltava um exemplo que atingisse a população de maneira simples e direta para definir a mestiçagem como algo nacional, o sucesso da equipe na Copa de 1938, a intensidade com que os brasileiros acompanharam a competição e o texto de Freyre amalgamaram este pensamento de forma decisiva.

O Brasil terminou na terceira colocação e Leônidas, artilheiro da competição com sete gols, foi exaltado pelos jornais europeus como o “diamante negro” e o “homem borracha”. Pereira e Lovisoló (2014, p.44) afirmam que Leônidas “ganhou notoriedade mundial durante a Copa da França por causa de seu poder de improvisação, que passaria a caracterizar o futebol brasileiro”. Os jornais franceses abordaram da seguinte forma o estilo de jogo de nossos atletas: “os brasileiros são perfeitos artistas com a bola nos pés. Dribles não são



Filipe Fernandes Ribeiro Mostardo; Francisco Ângelo Brinati

segredos para eles. Seus movimentos são ágeis e sua sutileza é notável. Um time formidável” (ALMANAQUE DAS COPAS: de 1930 a 2006. Lance Publicações, 2010, p. 33).

Soares, Bartholo e Salvador (2007) indicam que ao se produzir sentidos sobre o brasileiro, o futebol teve um papel chave ao construir estereótipos relacionados ao jogo que ultrapassavam a esfera esportiva e marcavam a sociedade brasileira. Os autores ainda sugerem o artigo “Football Mulato” de Freyre como o “embrião” do futebol-arte, principalmente ao apresentar as características que vão defini-lo como tipicamente nacional.

Para Soares e Lovisolo (2003) a imagem do que se determinou chamar de “estilo brasileiro de futebol” são da alegria, do improviso, dos dribles, das firulas e serviu para construção dos sentimentos de pertencimento a uma nação miscigenada. Dessa forma, a miscigenação se tornaria elemento principal de nossa singularidade e o futebol passaria a ser visto como sintetizador de nossa cultura.

3 A consolidação da narrativa do futebol-arte

Após a Copa de 1938, a ideia de “sermos o país do futebol” continuou sendo abordada pela imprensa e se reforçou com os títulos de 1958 e 1962. A dupla Garrincha (descendente de índios) e Pelé (negro) intensificou a narrativa sobre a miscigenação, e, conseqüentemente, a do futebol-arte como nossa maior característica. Mesmo com sérios problemas físicos, Garrincha foi convocado para a Copa de 1966 e, ao lado de Pelé, confirmaria a suposta hegemonia brasileira no futebol. Entretanto, a derrota definida como vexatória pela imprensa na Copa de 1966, na qual o Brasil foi eliminado na primeira fase, causou um hiato no discurso de melhor futebol do mundo praticado pela seleção nacional. O título simbolizaria a hegemonia de nosso futebol frente ao mundo, além da posse definitiva da taça Jules Rimet. A eliminação foi creditada à falta de organização e de modernização da CBD, abrindo um discurso de que a seleção só perde quando encontra problemas nos bastidores, já que dentro de campo somos “insuperáveis”.

Descreveremos agora a participação brasileira na Copa do Mundo, apresentando as narrativas encontradas nos jornais “O Globo”, “Jornal do Brasil” sobre estilo de jogo da seleção, dentro do *corpus* delimitado. Optamos pela ordem cronológica dos acontecimentos



Imprensa, representações e narrativas: a copa de 1970 e a consolidação do discurso sobre futebol-arte

para que o entendimento das notícias se torne mais linear, aproximando-se da própria narrativa jornalística.

Aqui é pertinente trazermos as considerações de Paul Ricoeur acerca da construção da narrativa. As ações de determinados atores sociais são contadas através do que Ricoeur (2010) chama de intriga. Em suma, a intriga pode ser entendida como a escolha de ações humanas que vão tornar a narrativa compreensível, com início, meio e fim e que lhe darão determinado sentido de acordo com o que é contado e aquilo que não é contado, através de escolhas e angulações. Deste modo, o que vai ser narrado, o que fica nos bastidores ou na fachada e qual a ordem dos fatos, direciona o sentido da notícia e constrói o acontecimento jornalístico. A narrativa jornalística procura apagar marcas de subjetividade e interpretação do jornalista na construção da intriga, como se o fato falasse por si só, criando o “efeito de real”, colocando a notícia e seu relato como uma voz narrativa recheada de poder simbólico definindo a “realidade” da situação social. Todavia, a análise de narrativa está atenta para tais movimentos, compreendendo que ao selecionar os acontecimentos já se interfere na narrativa, almejando determinada significação (MOTA, 2013).

No dia 2 de junho, a coluna “À sombra das chuteiras imortais”, de Nelson Rodrigues, critica a imprensa nacional ao colocar o futebol europeu “nas nuvens” em detrimento ao futebol nacional: “a idealização que aqui se fez do futebol europeu, foi umas das mais sinistras posturas do século XX” (O GLOBO, 02/06/1970, p. 20). Defensor do talento nacional frente aos europeus, Nelson termina a coluna enfatizando o dom natural dos jogadores: “basta que o futebol brasileiro não trema. Temos muitíssimo mais futebol. Depende apenas de nossas condições psicológicas. Só isso, nada mais. Se o Brasil jogar setenta por cento do que sabe e do que pode, o caneco já é nosso” (O GLOBO, 02/06/1970, p. 20). Todavia, nas demais reportagens do periódico, encontramos um tom mais desconfiado, descartando o favoritismo da seleção brasileira na competição, o que nos sugere que as disputas entre narrativas ocorrem até mesmo dentro do jornal.

Após a vitória por 4 a 1 da seleção brasileira, identificamos que a importância à preparação física do Brasil aparece de forma concatenada ao talento de nossos jogadores. O técnico Zagalo, por exemplo, aparece nas notícias da seguinte forma na página 23: “Jornalistas de toda parte receberam Zagalo com uma salva de palmas na sala de imprensa do Estádio Jalisco, 10 minutos após o jogo.” Trechos de sua coletiva foram usados na capa do



Filipe Fernandes Ribeiro Mostardo; Francisco Ângelo Brinati

jornal “O Globo”, incluindo a opinião do presidente sobre o jogo: “Foi uma vitória do futebol-arte, disse Zagalo, e o Presidente Médici, representando o sentimento de 90 milhões de brasileiros.” Ao falar da atuação de Gerson o jornal elogia de forma intensa o meio campo do Brasil: “Seus dois passes para os “goals” mais bonitos – o de Pelé e o primeiro de Jairzinho – foram consideradas obras primas”. Notamos que no jornal “O Globo” a narrativa da capa indicava um tom mais próximo da exaltação do futebol-arte do que o “Jornal do Brasil”. O JB trouxe a seguinte frase em sua capa: “oitenta mil pessoas aplaudiram de pé, ontem no Estádio El Jalisco, a estreia na Copa do Mundo da Seleção Brasileira que goleou a Tchecoslováquia por 4 a 1 e exibiu um futebol primoroso e leal”.

A coluna de Armando Nogueira mostra o encantamento do mundo com nossa estreia, cita como um dos grandes fatores de nosso sucesso a preparação física e finaliza afirmando que o diferencial de nossos atletas continua sendo o “talento artístico”, em contraponto ao estilo europeu:

Nada mais procedente do que a versão de que Brasil e Inglaterra derrotaram seus rivais, aplicando a mesma organização de jogo e, mais que isso, a mesma concepção. Se a vitória brasileira foi mais expressiva e, mesmo mais luminosa, é justamente porque o nosso jogador é animado de um talento artístico fora do comum. O estilo inglês é mais sóbrio, o brasileiro, mais requintado. Aqui está a diferença (JORNAL DO BRASIL, 4/06/1970, p. 25).

Entretanto, na página 25 as reportagens do “Jornal do Brasil” inclinam para uma análise tática e física de nossos jogadores como o motivo principal da goleada. É notável nas análises as tensões entre enaltecer a parte tática da equipe e recuperar a identidade do futebol-arte baseado no improviso e no dom natural.

Já no jornal “O Globo”, Rodrigues corrobora seus argumentos e exalta as qualidades de nossos jogadores:

Amigos, nenhum outro “scratch” no mundo podia oferecer o futebol que nossos jogadores ofereceram ontem. Não se esqueçam que, aqui, vários cronistas fizeram verdadeiro terrorismo com o quadro da Tchecoslováquia. O nosso adversário era fabulosíssimo, ao passo que o nosso pobre jogo antigo, obsoleto, como a primeira sombrinha de Sarah Bernhardt. Promoveram os tchecos como se fossem os fantasmas da “Copa”. E o que vimos nós? Um desenho, uma pintura, um tapete bordado. Ganhamos de 4 x 1, e sem sorte nenhuma. [...] Amigos, vocês viram na TV, ouviram no rádio: o Brasil deu um banho de bola num dos mais formidáveis concorrentes da “Copa”. Não há nada melhor no futebol europeu do que o “scratch” que, ontem, dobrou os joelhos diante do gênio dos nossos craques (O GLOBO, 04/06/1970, p. 18).



Imprensa, representações e narrativas: a copa de 1970 e a consolidação do discurso sobre futebol-arte

No dia 5 de junho, o “Jornal do Brasil” busca nas representações do futebol-arte o motivo para nosso sucesso foi a reportagem de capa do “Caderno B” do “Jornal do Brasil”, intitulada “Brasil, Futebol e arte numa grande vitória”:

Não adiantaram as preces do húngaro Petras ao marcar seu gol aos 11 minutos de jogo contra o Brasil: o talento, a magia, o virtuosismo e a garra de Pelé e seus companheiros parecem ser mais fortes do que as invocações místicas. Não adiantou a persignação do tcheco, mesmo porque – todos dizem – Deus é brasileiro. Ao aliar a sincronização de um ballet europeu à improvisação quase mágica de seus atacantes, a seleção Brasileira impôs um padrão de jogo que tonteou os europeus e deixou-os até agora sem justificativas lógicas para a goleada de 4 a 1. [...] Caso ainda jogue em outra Copa do Mundo, o tcheco Petras deverá estar pensando em nova fórmula de vencer os brasileiros. Rezar só não dá (JORNAL DO BRASIL, 05/06/1970, caderno B, p. 1).

O tom é que o talento brasileiro supera qualquer adversário. Ao longo da pesquisa foi claro o enfoque mais baseado nos mitos fundacionais de nosso futebol nas reportagens do “Caderno B” do “Jornal do Brasil”, em contraponto às reportagens mais diversificadas sobre o estilo de jogo no Caderno de Esportes, que foi marcado por alternâncias, às vezes na mesma página, sobre a tática e a preparação física *versus* o talento e a habilidade.

O Brasil ainda venceria a atual campeã Inglaterra (1x0), a Romênia (3x2) e o Peru (4x2).

Na semifinal, a equipe brasileira venceu por 3 a 1 a seleção uruguaia e se classificou para a decisão. Enquanto a parte destinada às notícias esportivas exaltou nossa paciência em aguentar a violência uruguaia, o Caderno B destacou o confronto contra a Itália:

Eis aí, de novo, o confronto dos dois estilos de futebol: A América Latina com sua alegre liberdade, a Europa com a rigidez eficiente de seus esquemas. Por enquanto os dois estão empatados: nós, deste lado do mundo, ganhamos quatro Copas; eles, os frios calculadores, também ganharam quatro. Desta vez, quem vencerá? A progressão da História não dá margem para previsões (JORNAL DO BRASIL, 18/06/1970, Caderno B, p. 1).

No mesmo Caderno B, mais uma reportagem indicando a distinção de “escolas de futebol”. Em “Quatro décadas de uma Guerra eterna”, o jornal destaca a beleza do futebol sul-americano, mas já inclui outra característica demonstrada pela seleção de 1970:



Filipe Fernandes Ribeiro Mostardo; Francisco Ângelo Brinati

Posto em comparação com os europeus, o estilo sul-americano é muito mais bonito de se ver. Suas características, essenciais são a liberdade de jogo, a franqueza ofensiva (com algumas exceções) e a grande classe individual dos jogadores. Atualmente não está havendo mais, em relação aos europeus, aquelas desvantagens de que tanto se falava antes desta Copa do Mundo: as de que não tínhamos solidariedade, não sabíamos atacar e defender em bloco e, principalmente, nosso preparo físico nunca poderia se igualar ao deles (JORNAL DO BRASIL, 18/06/1970, Caderno B, p. 1).

A narrativa da reportagem vai no sentido de que os europeus eram inferiores ao Brasil, já que, teríamos como neutralizar o futebol-força. Destaque para a mudança de foco da narrativa. Como os nossos próximos adversários são os europeus, os uruguaios acabaram entrando no clichê sul-americano, sendo que dias antes eram considerados detentores de um futebol de “catimba”, diferente do nosso. O discurso se altera de acordo com as circunstâncias e contextos do momento. Ainda no Caderno B, a matéria “A rigidez eficiente” indica que apenas o futebol-força pode vencer o brasileiro:

O que hoje se chama de *escola europeia* é um futebol que funciona dentro de esquemas rígidos, procurando substituir a beleza pela eficiência. Depois das conquistas brasileiras em 58 e 62 os europeus chegaram a conclusão de que, jogador por jogador, nunca teriam condições para enfrentar-nos. Raciocinando na base de que levavam sobre nos a vantagem da saúde, inventaram então o futebol-força, baseado essencialmente no preparo físico, que permitiria uma esquematização de jogo que cobriria o campo inteiro com ataques e defesas maciços (JORNAL DO BRASIL, 18/06/1970, Caderno B, p. 1).

Dia 21 de junho, Brasil e Itália decidiram a posse definitiva da taça Jules Rimet, e como mostramos nas páginas anteriores, travavam um duelo sobre estilos de jogo. Na página 29 do “Jornal do Brasil” a reportagem: “Decisão, lembrança agradável dos campeões de 58 e 62”, recupera a memória das conquistas anteriores e enfatiza que a taça Jules Rimet, simbolizaria a consolidação de nosso futebol como hegemônico, reafirmando uma narrativa e uma representação.

No Rio de Janeiro, uma pesquisa que entrevistou 300 pessoas na véspera da decisão, coloca que 100% dos cariocas acreditavam na vitória do Brasil (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p. 30), Zagalo foi considerado ótimo por 62% dos entrevistados. Aqui é importante notar que as narrativas enfatizando nossa preparação e a parte tática eficiente da equipe pode ter ajudado neste resultado. Na página 34, a reportagem “Brasil é o favorito dos jornalistas estrangeiros” mostra que o desejo dos jornalistas mundiais em ver o Brasil



Imprensa, representações e narrativas: a copa de 1970 e a consolidação do discurso sobre futebol-arte

campeão, já indicava o status de mitológica que aquela seleção iria alcançar: “Como diz Brian Gianville, do *The Sunday Times*, ‘a vitória do Brasil será a melhor coisa que pode suceder ao futebol mundial, pois teremos pelo menos durante quatro anos a volta do estilo ofensivo e brilhante³’” (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p. 34). *Hugh Melivanney* do *The Observer*, de Londres, afirma: “A vitória do Brasil é a melhor coisa que acontecerá nesta Copa”.

A polaridade entre preparação física e organização *versus* talento e habilidade começa a demonstrar que inevitavelmente elas teriam que andar juntas na narrativa da Copa de 1970. Na matéria de Dácio de Almeida, com o título: “A certeza do título está na seriedade do trabalho” destaca a preparação de nossa equipe, o trabalho científico dos preparadores físicos:

Sem medo de errar, nenhuma Seleção Brasileira teve tal condição física em toda sua história. [...] Nas partidas pela Copa, foi graças à condição física que vencemos pelo menos dois adversários: os ingleses e os uruguaios – ou mais difíceis. O Brasil entra em campo hoje certo de que cumpriu seu dever para chegar a esta posição: confiante e humilde, sério e aplicado, disciplinador e agressivo, impondo seu jogo e sua técnica (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p. 34).

Já Armando Nogueira se posiciona no meio termo entre as duas polaridades exaltando a união das duas características:

Cidade do México, 21 de junho de 1970: Meio-dia no Estádio Asteca. Aos pés de Pelé, a bola da final, cujo destino os deuses do futebol hão de tecer com os fios de todas as virtudes: a arte de Gérson, a humildade de Zagalo, a bravura de Jairzinho, a técnica de Rivelino e a determinação de vitória de Pelé, jogador-símbolo de uma equipe que realizou, no Mundial de 70, todo o ideal do futebol: arte, técnica, humildade, bravura e determinação de vitória (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p. 35).

No dia da decisão “O Globo” não circulou, dessa forma, investigamos a edição do dia 20 de junho e logo na coluna de João Saldanha, na página 15, encontramos importantes elementos na distinção entres “escolas” de futebol. “Neste jogo está difícilimo fazer-se prognósticos. São duas escolas totalmente diferentes. O Brasil marca por ‘zona’ e a Itália, homem a homem, e um ‘líbero’”. O ex-treinador da seleção não aponta favorito: “É lógico que pelo lado do coração apontaria o Brasil como vencedor, mas ao se fazer comentários o

³ Interessante notar que os jornalistas constroem uma narrativa de que a seleção campeã do Mundo vai “ditar” o estilo que todas as equipes de futebol deverão buscar no período entre Copas, até que outra seleção vença reafirmando ou alterando a “tendência”.



Filipe Fernandes Ribeiro Mostardo; Francisco Ângelo Brinati

coração deve ser deixado de lado. Sinceramente não me sinto em condições de apontar um favorito nesse jogo decisivo da ‘Jules Rimet’” (O GLOBO, 20/06/1970, p. 15).

Na mesma página a coluna de Nelson Rodrigues reforça sua narrativa construída ao longo da competição e exalta o talento dos jogadores:

Amigos, um turista que por aqui passasse, e olhasse a cidade, havia de anotar no seu caderninho: -“No Brasil, até as janelas são patriotas.” E, de fato, é um espetáculo maravilhoso. Das escadas, pendem as bandeiras do Brasil. Vi um edifício, com um gigantesco V da vitória, verde-amarelo, de alto a baixo. A Guanabara está sendo varrida, de alto a baixo, por uma inédita e selvagem procissão de bandeiras. É o “scratch”. Nunca o Brasil foi tão brasileiro. A partir da batalha com a Tchecoslováquia, nós acordamos brasileiros, tão profunda e apaixonadamente brasileiros. Ontem, cruzei com um colega no meio da rua. Ele veio para mim, de braços abertos: - “ como é bom ser brasileiro! Como é bom ser patriota!” E quando se despediu, épico como o grito do Ipiranga, achei que ele estava de esporas e penacho. [...] Deus sabe que merecemos trazer, e para sempre, o caneco de ouro (O GLOBO, 20/06/1970, p. 15).

A capa do Globo no dia seguinte trouxe a seguinte manchete: “Vitória maravilhosa do maior futebol do mundo: 4x1”. Destaque para as hipérboles jornalísticas. A reportagem começa da seguinte forma:

Agora não haverá mais discussão, pois o Brasil é dono de fato e de direito da Taça Jules Rimet, [...] Podem delirar à vontade, comemorem com entusiasmo, pois o Brasil não é apenas um simples campeão do mundo de futebol, é o dono absoluto da supremacia, que ratificou com um espetacular 4 x 1 sobre a famosíssima “Squadra Azzura”, [...]. Valeu a pena o esforço todo de preparação, a vontade dos jogadores que fizeram um pacto de que esta eles não perdiam e realmente não perderam. [...] Podemos calcular como andam vocês por aí, vivendo por muito tempo todas as emoções de uma conquista que jamais será igualada (O GLOBO, 22/06/1970, p. 3).

Interessante observar que o jornalista já inicia a produção de sentidos de que aquela seleção será inigualável. Na página 4, a manchete retoma a ideia de futebol-arte com a página repleta de fotos de lances da partida: “Arte Brasileira no futebol voltou a ser consagrada com tri e posse da taça” (O GLOBO, 22/06/1970, p. 3). A coluna de João Saldanha, é um grande indicativo da memória que os colunistas esportivos vão moldar sobre aquela seleção, a começar pelo título “Vitória da arte”:

Antes de mais nada, quero dizer que a vitória extraordinária do Brasil, foi a vitória do futebol. Do futebol que o Brasil joga, sem copiar ninguém, fazendo da arte de seus jogadores a sua força maior e impondo ao mundo futebolístico o seu padrão, que não precisa seguir esquemas dos outros, pois tem sua personalidade, a sua filosofia e



Imprensa, representações e narrativas: a copa de 1970 e a consolidação do discurso sobre futebol-arte

jamais deverá sair dela. Foi uma vitória do futebol. O futebol que nós gostamos de ver e aplaudir e que o mundo ontem teve que se curvar. [...] Esta equipe do Brasil, que marca 41 “goals” e sofre apenas 9 tentos na sua campanha no Mundial, contando os jogos das eliminatórias, é uma seleção. É um timaço de futebol, que adquiriu consistência em suas linhas, sem que lhe roubasse o seu estilo, a sua característica e aí uma das principais razões do sucesso. É justa a nossa vibração e a minha, em particular, é pela vitória da arte, que continua sendo, dentre as mais variadas concepções do futebol moderno, a verdadeira razão de se encherem os estádios e a identificação mais sólida e decisiva do futebol no Brasil (O GLOBO, 22/06/1970, p. 5).

É notório que a coluna exemplifica a ideia central de futebol-arte que apresentamos durante este trabalho. Sugerimos que, por conta de ser ex-treinador da seleção e a maneira com que ele saiu do cargo, Saldanha não menciona em nenhum momento a preparação da seleção, ao contrário, faz questão de exaltar apenas o talento de nossos jogadores como motivo maior da vitória. Ele ainda menciona o número de gols que a equipe marcou desde quando ele era o treinador.

Na mesma página, Nelson Rodrigues segue a mesma linha narrativa, exaltando o talento de nossos jogadores de sua maneira peculiar:

Amigos, foi a mais bela vitória do futebol mundial em todos os tempos. Desta vez, não há dúvida, não há sofisma. Desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso. [...] Sempre escrevi (graças a Deus, não entendo de futebol), mas escrevi que a finalíssima de 66 foi o antifutebol e, repito, uma pelada de pior espécie. Mas aí de nós, aí de nós. Mas o entendido, só de falar da Inglaterra e da Alemanha, babava na gravata. Queria acabar com o gênio, a magia, a beleza do nosso futebol. [...] os “goals” brasileiros foram obras de arte, irretocáveis, eternas. [...] Amigos, glória eterna aos tricampeões mundiais. Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos noventa milhões de brasileiros, de esporas e penacho, como os Dragões de Pedro Américo (O GLOBO, 22/06/1970, p. 5).

Nelson mantém a crítica à imprensa que não acreditava na seleção e enaltece, mais uma vez, o discurso da “pátria de chuteiras”. Nas outras páginas o jornal traz reportagens sobre as outras Copas do Mundo, enfatizando os outros títulos do Brasil, com destaque para Garrincha, modelo do futebol-arte nas duas primeiras conquistas.

No “Jornal do Brasil” a manchete “Brasil tri: A Copa é nossa!” traz a seguinte frase iniciando a matéria: “Quando Carlos Alberto ergueu aos céus a Taça Jules Rimet, hoje à tarde, 700 milhões de pessoas em 50 países comprovaram a supremacia definitiva do futebol-arte-técnica-poesia: o Brasil acabava de sagrar-se tricampeão do mundo”. O grande número de adjetivos empregados na definição do nosso futebol demonstra que a união de outros



Filipe Fernandes Ribeiro Mostardo; Francisco Ângelo Brinati

elementos redefiniria o futebol-arte. As outras reportagens exaltam a qualidade de nossos jogadores, aliada à seriedade e preparação. O futebol regado de talento, mas sem organização, individualista e às vezes a indolência dos jogadores, era substituído pela aplicação ao lado de genialidade e coletividade. Zagalo exalta que a Copa veio com disciplina em reportagem na página três. Aqui nota-se como a formação de identidade é uma intensa disputa de discursos que pretendem se tornar hegemônicos, Zagalo, obviamente vai ressaltar o seu lado, afinal o técnico não teria importância se apenas o dom natural vencesse a competição.

Identificar o contexto com que as narrativas são produzidas é peremptório para elucidarmos de forma clara o que se pretendia com o discurso. A derrota de 1966 foi amplamente explicada pela falta de organização e modernização em nosso esporte. Assim, a exaltação da preparação da seleção foi incluída na narrativa, mesmo indo contra as características que seriam intrínsecas ao futebol nacional, construído em 1938. A unificação de um discurso baseado no talento nacional e na recente organização e disciplina exemplar da seleção pode ser entendida perfeitamente pelas declarações do presidente Médici logo após o jogo, deixando transparente a tentativa do governo de usar o futebol como fator de identificação e integração nacional:

identifico no sucesso de nossa seleção de futebol, a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade da capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral. Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p. 3).

O editorial do “Jornal do Brasil” no dia 23 de junho de 1970 demonstra claramente essa grande união de elementos em comum na redefinição do futebol-arte e na consolidação do futebol como elemento indelével de nossa cultura. Apesar de citar a disciplina como um dos fatores de nossa vitória, elencamos aqui outros pontos importantes que resumem bem a narrativa do periódico ao longo desta competição:

Valeu a pena esperar. A magnífica vitória de domingo começou há muitos anos. Começou com os grandes craques do passado – um Friedenreich, um Leônidas, um Domingos da Guia e tantos outros. E começou também em todos os campos anônimos, por este Brasil afora, crivado de peladas e de partidas que exprimem também a unânime paixão nacional pelo futebol. A conquista definitiva da Taça Jules Rimet ocorreu na hora certa. Por mais que tenhamos de lamentar, se fosse o



Imprensa, representações e narrativas: a copa de 1970 e a consolidação do discurso sobre futebol-arte

caso, a ausência de tantas vedetas inesquecíveis – e valha o exemplo símbolo de Garrincha, alegria do povo - temos igualmente de reconhecer que a taça estava providencialmente destinada a vir morar para sempre no Brasil por obra e graça da Seleção de Pelé. [...] Como esporte nacional, mobilizador de paixões numa escala insuperável, em termos populares, o futebol revela o Brasil – revela-o aos brasileiros e ao mundo. O povo, convocado pelo milagre das comunicações, assim o entende e por isto junta à sua alegria uma legítima dimensão patriótica. Nunca talvez se agitaram tantas bandeiras verde-amarelas por todo este imenso país. Nunca talvez o povo se sentiu tão coeso. Nunca a fraternidade brasileira foi tão espontânea, tão profunda e tão comovente. Um povo que assim se mobiliza pelo esporte, dócil ao encanto mágico de sua Seleção, guarda em si reservas de força e energia inauditas. A Hora é de uma explosão de alegria (JORNAL DO BRASIL, 23/06/1970, p. 2).

4 Considerações Finais

Na tentativa de a seleção simbolizar o momento do país, outras significações sobre o estilo nacional são produzidas. O futebol-arte no contexto da Copa de 1970 é redefinido mantendo a técnica do jogador, nossa suposta arte, mas o individualismo dá lugar ao coletivo, do mesmo modo que o dom natural sucumbe à preparação.

Todavia, já deixamos claro que tais narrativas são repletas de disputas ideológicas e ao longo do tempo se modificam. Foi exatamente isto que ocorreu com o discurso da Copa de 1970.

Ao vencer a competição e reafirmar a condição de campeões do mundo, a seleção brasileira fica em definitivo com a Taça Jules Rimet, objeto que simboliza as três conquistas do Brasil. A euforia por este feito fez a narrativa buscar elementos importantes não só na conquista de 1970, mas também nas duas anteriores no intuito de consolidar o discurso que vinha sendo construído desde os anos 1930. Começa-se a comparar as seleções para identificar semelhanças e deslocar diferenças para unificar o discurso do “país tricampeão do Mundo”. Neste deslocamento, sugerimos que a preparação física, algo não familiar, foi retirado, ou “esquecido”, por não se encaixar na homogeneização do que seria o nosso futebol-arte, agora remodelado por elementos em comum das três conquistas e tendo a seleção de 1970, mundialmente conhecida pela transmissão televisiva, seu maior ícone. Nesta reconstrução a preparação física, inegável pilar da conquista no México, ficou apenas na memória de quem viveu aquele momento e de estudiosos sobre o assunto, conforme Salvador e Soares (2009) relatam.



Filipe Fernandes Ribeiro Mostardo; Francisco Ângelo Brinati

A seleção da Copa de 1970 serviu para demarcar o que seria o futebol-arte. As narrativas foram repletas de nacionalismo e exacerbação do nosso talento, aliado à preparação física. Toda a construção de um suposto estilo se concretiza nesta Copa do Mundo. Alguns elementos foram reiterados, outros incorporados e anos mais tarde excluídos. A brasilidade exercida por meio do futebol instaura um marco a partir desta competição, ocasionando uma “obrigação” das futuras seleções de seguirem este estilo. A identidade nacional construída nos anos 1930 e a intenção do governo Vargas em usar o esporte para unificar o país, ganha um capítulo crucial em 1970. O tricampeonato mundial de nossa seleção reafirma que as representações instauradas quarenta anos antes ainda fazem sentido na sociedade, afinal “somos o maior campeão do mundo”, detentores do troféu e “nosso” talento é mundialmente reconhecido, tornando a construção romântica e mitológica de “nosso” estilo de jogo um importante elemento da identidade nacional.

Referências

A NOITE SPORTIVA. **A Noite**. A Noite Sportiva. Rio de Janeiro, 10 jun. 1938, p. 7.

ALMANAQUE DAS COPAS: de 1930 a 2006. Lance Publicações, 2010.

BENETTI, Marcia. Análise de Discurso em jornalismo; vozes e sentidos. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938, p.4.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HOBBSAWN, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 03 jun – 23 jun, 1970.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.



Imprensa, representações e narrativas: a copa de 1970 e a consolidação do discurso sobre futebol-arte

O GLOBO. Rio de Janeiro, 03 jun – 23 jun, 1970.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** 14ª reimpressão. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PEREIRA, Camila; LOVISOLO, Hugo. 1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SALVADOR, Marco Antônio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 1970 - esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional.** Campinas: Autores Associados, 2009.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SEVCENKO, Nicolau (1994) Futebol, Metrôpoles e Desatinos, Dossiê Futebol, **Revista USP**, São Paulo, n. 22, jun/ago 1994.

SOARES, Antonio Jorge G.; BARTHOLO, Tiago L.; SALVADOR, Marco S. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. **Revista Portuguesa das Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, n. 3, dez. 2007.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n.1, Campinas, Autores Associados, set. 2003, p.129-143.

Artigo recebido em maio de 2016
E aprovado em junho de 2016